

Haddad diz que futuro chefe do BC não será leniente com inflação

Fernando Haddad

‘Não há bancada bolsonarista e bancada lulista no BC’

— Ministro minimiza racha sobre corte da Selic e diz ver ‘fundamento técnico’ para divergência no Copom



DANIEL TEIXEIRA / ESTADO 10/4/2024

político para isso?

Eu sou 100% a favor de que o Planejamento faça isso. Você pensa que o ambiente político para aprovar as medidas da Fazenda é favorável? O ambiente político você constrói à luz da justiça da medida, você tem de demonstrar para as pessoas que a medida é justa, mesmo que ela desagrade a determinados setores. Não é fácil nem aumentar a receita nem diminuir a despesa.

O mercado está com visão muito negativa do fiscal, com juros futuros maiores. Ao ‘Estádio/Broadcast’, o diretor de investimentos da Verde Asset, Luis Stuhlberger, falou da decepção dele sobre a avaliação que ele fez, ao acreditar que o PT teria seriedade fiscal...

Eu respeito a opinião de qualquer cidadão. Mas tem de ver também o que está acontecendo com os negócios dele.

Mas o Arminio Fraga também falou criticamente, são duas pessoas que declararam voto em Lula, que participaram do esforço da frente ampla, como o sr. vê isso?

Eu vejo com preocupação uma pessoa como o Arminio criticar a Moody's. Uma pessoa que presidiu o BC recomendar a uma agenda de risco rebaixar o Brasil é uma coisa inédita.

O sr. falou sobre ser contra o ajuste fiscal no ‘lombo do pobre’ e que isso tem de acontecer pelo andar de cima. Como promover esse ajuste pelo andar de cima quando se vê, por exemplo, o Congresso discutindo a PEC do Quinquênio?

Acredito que nós devemos, até para sensibilizar as pessoas sobre a necessidade de racionalizar os gastos públicos, começando o exemplo. Várias vezes eu mencionei o projeto de lei dos supersalários. Acredito que qualquer mexida na Constituição, para cima ou para baixo, deveria contemplar o projeto de lei. Nós deveríamos constitucionar determinadas vedações, para que esses expedientes de furar o teto do salário sejam disciplinados de uma maneira decisiva. Porque, se ficar só no projeto de lei, amanhã alguém muda.

Como compensar a manutenção da desoneração da folha de pagamento em 2024?

Vamos ter de fazer as contas para ver qual medida tomar.

E a desoneração para os municípios?

Municípios eu penso que o problema é de outra natureza. Porque há alternativas que me parecem bem melhores do que correr a base de arrecadação da Previdência. Eu penso que não é uma boa política você comprometer a Previdência. ●

ENTREVISTA

Ministro da Fazenda, comandou a pasta da Educação de 2005 a 2012 (governos Lula e Dilma Rousseff) e foi prefeito de São Paulo

BIANCA LIMA
MARIANA CARNEIRO
AMANDA PUPO
FERNANDA TRISOTTO
BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, minimizou a divisão exposta no Comitê de Política Monetária (Copom) sobre o corte da taxa básica de juros (Selic), na quarta-feira. De um lado, os quatro indicados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva votaram por uma redução de 0,50 ponto percentual. Em oposição, cinco diretores que estavam no Banco Central (BC) antes da chegada de Lula optaram por um corte menor, de 0,25.

O racha gerou desconfiância entre investidores e analistas, que veem risco de que o próximo presidente da instituição, a ser nomeado por Lula ainda neste ano, possa ser mais tolerante com a inflação para não bater de frente com os interesses do Palácio do Planalto.

Haddad afirma acreditar que a diferença ocorreu no campo técnico, sobre uma mudança rápida de direção em relação ao que era esperado até então. “Não tem uma bancada bolsonarista e uma bancada lulista no BC”, afirmou, em entrevista exclusiva ao *Estádio/Broadcast*.

A decisão do Copom expôs uma divisão entre os diretores indicados que já estavam no BC e os indicados pelo governo Lula. Como

avalia o episódio?

Eu não concordo com esse tipo de avaliação. Até em respeito aos profissionais que estão lá, não tem uma bancada bolsonarista e uma bancada lulista no BC. Eu acredito que a questão do guidance (orientação) tenha sido a razão da divergência. Vou esperar pela ata porque é uma impressão, mas creio que a divisão se deveu ao guidance.

Havia o compromisso de tirar o plural (do número de cortes previstos na taxa de juros) e repensar a trajetória a partir de novos dados. Acredito que tenha sido essa a questão.

Mas, desta vez, a divisão ocorreu justamente entre os quatro indicados pelo presidente Lula, de um lado, e os cinco que já estavam no BC do outro.

Tem de ler a ata para saber se minha impressão se confirma, de que o guidance foi importante. Vocês vão se lembrar que já fizemos matérias sobre a discrepância entre os comunicados e as atas várias vezes. Não cabe precipitação, vamos analisar com calma. A impressão que eu tenho é de que talvez isso tenha sido o objeto de debate. Havia um compromisso de tirar o plural e manter o guidance, e isso não foi observado.

Não era o caso de o Copom explicitar sua orientação?

O papel do BC é entregar a inflação dentro da meta, o que ele vai fazer pelo segundo ano consecutivo, depois de um longo e tenebroso inverno. E vai continuar fazendo pelos próximos anos, como aconteceu no primeiro e segundo mandatos do presidente Lula.

Essa redução do ritmo preocupa em termos de crescimento da economia?

A economia cresceu no ano passado com (juros de) 13,75% ao ano. Estamos seguros de que as medidas de crédito que nós

estamos tomando, as medidas de ajuste, as negociações que estão sendo feitas... Às vezes, a pessoa pergunta: ‘Como resolver o fiscal?’ A verdade é que há dez anos não se resolve o fiscal. Teve o pseudossuperávit de 2022, mas tivemos dez anos de déficit, e penso que a agenda da Fazenda não deixa dúvidas sobre o nosso compromisso.

A divisão do Copom alimenta temores de que o próximo presidente do BC pode não ser tão comprometido com a meta de inflação quanto Campos Neto, e coloca em dúvida a autonomia do BC. A autonomia segue como compromisso do governo?

Essa é uma leitura superficial e ideológica. E, sinceramente, acho que essa questão nem se coloca. Eu considero que as pessoas indicadas por nós são iguais ou melhores do que as que saíram do ponto de vista técnico, e não tenho dúvidas de que eles vão aportar um excelente trabalho.

“Essa (sobre o BC passar a ser mais leniente com a inflação) é uma leitura superficial e ideológica. E, sinceramente, acho que essa questão nem se coloca. Eu considero que as pessoas indicadas por nós (para o BC) são iguais ou melhores do que as que saíram do ponto de vista técnico”

“Não é fácil nem aumentar a receita nem diminuir a despesa”

A ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, defendeu em entrevistas recentes a possibilidade de fazer a desvinculação dos benefícios previdenciários, que deixariam de estar atrelados ao salário mínimo. Isso é uma agenda que a Fazenda abraça?

Na verdade, o que aconteceu de prático sobre esse assunto até o presente momento foi a discussão de um texto sobre indexadores da Saúde e Educação. Naquela ocasião, houve uma discussão preliminar sobre isso, que não prosperou. Esse assunto não foi discutido no âmbito do governo. Eu não conheço a proposta, eu conheço o debate. Não vejo muito espaço, nessa scara, para discussão da questão do mínimo. Teve também um debate na época do envio para o Congresso da política de valorização do salário mínimo, em que a Fazenda, aí, sim, defendeu que o indexador do mínimo fosse o PIB per capita. Essa posição da Fazenda foi vencida e o projeto de lei tem a orientação do primeiro governo do presidente Lula. Foi discutida essa política, houve o debate, mas a nossa posição de fazer o reajuste pelo PIB per capita não logrou êxito.

A Previdência é um grande ponto de pressão sobre o fiscal, no futuro das contas públicas. Tem algo que possa ser endereçado além dessas medidas?

Por isso, estou peremptoriamente contra abrir mão de receita previdenciária. A Previdência tem um custo, e nós temos de buscar as fontes de financiamento para honrar os compromissos assumidos pelo País, o Congresso Nacional, o Executivo e assim por diante.

Simone Tebet tem falado de rever gastos, fazer uma agenda de reavaliação de despesas. Tem ambiente

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: b Pagina: 4